

SMS: UM TORPEDO LINGÜÍSTICO NAS AULAS DE LINGUAS

Giselda dos Santos Costa¹
CEFET-PI - UNED –Floriano

RESUMO

Por que não aproveitar o fascínio, o interesse e o uso das SMS (Short Message Services), o popular “torpedo” no Brasil, para trabalhar a faceta que aparentemente “atacam” a escrita formal? Em vez de exorcizar para fora da aula a forma da língua escrita mais divergente (ou criativa?) seria talvez melhor mostrar quais contextos de comunicação diferentes admitem processos diferentes, os quais, para os tradicionais níveis de escrita usados de formas diferentes e para diferentes finalidades. Com esse propósito este artigo mostrará como o professor de línguas poderá explorar o poder do SMS, mediante algumas atividades que podem ser desenvolvidas em salas de aula com esse mais novo gênero textual multimodal.

PALAVRAS-CHAVE: SMS; Gênero Textual; oralidade e escrita; ensino de línguas.

ABSTRACT

Why not take advantage of the fascination, the interest and the use of SMS (Short Message Services), the popular "torpedo" in Brazil, to work the facet that seemingly "attack" the formal writing? Instead of exorcising outside of the class the form of the language done write more divergent (or creative?) it would be best maybe to show which contexts of different communication it admits different processes, the ones which, for the traditional used writing levels in different ways and for different purposes. This article will show as the language can explore the power of SMS, by some activities that can be developed at classrooms with that newer gender textual multimodality.

KEY WORDS: SMS; textual gender; orality and writing; langue teaching.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Hoje, a língua escrita da nossa geração mais jovem não é baseada em hipertextos mas em “torpedos” ou SMS (Short Message Services), um sucesso inesperado da telefonia digital (GSM). Os códigos lingüísticos deste meio, por exemplo, são “CUL8R” para “See you later” e “2b or not 2b that’s...” para “to be or not to be...” Esses jovens pensam oralmente e escrevem foneticamente. Assim, estamos vendo o surgimento de outro gênero textual ou uma mistura de gêneros textuais interferindo nos hábitos sociais e educacionais dos alunos, para o desespero dos professores de línguas.

Colello (2003) afirma que lidar com essa diferença (as formas diversas de conceber e valorar a escrita, os diferentes usos, as várias linguagens, os possíveis posicionamentos do interlocutor, os graus diferenciados de familiaridade temática, as alternativas de instrumentos, portadores de textos e de práticas de produção e interpretação...) significa muitas vezes percorrer uma longa trajetória, cuja duração não está prevista nos padrões inflexíveis da programação curricular no ensino de línguas.

No dizer de Bronckart (2004 apud Cristóvão, 2006), o ensino de línguas deve formar o aluno para a maestria em relação aos modelos pré-existentes, mas também deve progressivamente, explorar sua refletividade, desenvolver suas capacidades de deslocamento e de transformação dos modelos adquiridos.

Xavier (2005) afirma que o nada nada cria, logo é natural que os novos gêneros que emergem das tecnologias recém criadas misturem gêneros, façam uma composição de características de um certo gênero com possibilidade técnica de efetivar uma determinada ação antes impossível.

Então, eu me pergunto: Por que não aproveitar o fascínio, o interesse e o uso das SMS para trabalhar a faceta que a escrita formal ataca, em vez de expulsar para fora da aula essa forma da língua escrita mais divergente (ou criativa)?

As crianças e adolescentes podem, em suas produções *linguageiras*, demonstrar uma “criatividade”

¹ Mestra em Lingüística pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE e professora de Inglês no CEFET-PI. E-mail: gisedacostas@hotmail.com

muito grande em relação aos modelos existentes em todos os níveis de organização textual (Bronckart, 2004).

Com esse propósito este artigo mostrará como os professores de língua (inglês / português) poderão explorar o poder dos torpedos, mediante algumas atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula com esse novo gênero textual multimodal², pois ler e escrever foram o que os jovens passaram a fazer com mais frequência depois da chegada deste novo gênero digital.

BASE TEÓRICA

A base teórica é fundamentada na teoria de gêneros, na linha da Nova Retórica³, formada principalmente por pesquisadores norte-americanos e canadenses (Caroline Miller, 1994; Charles Bazerman, 2005; Aviva Freedman, 1994; Richard Coe, 1994; Amy Devitt, 2004; entre outros) que consideram o gênero “uma ação social, localizado dentro de uma comunidade retórica que se transforma, desenvolve e decai” (Miller 1994) e “uma categoria sócio psicológica que usamos para reconhecer e construir ações tipificadas dentro de situações tipificadas” (Bazerman 2005).

A explicitação do conceito de gênero e sua associação ao ensino de línguas é algo muito novo, mas alguns autores como Austin que contribui com pressupostos teóricos para a sustentação da abordagem pragmática já sinalizava para sua importância sem, contudo nomeá-lo. Quando Austin constrói a noção de força ilocucionária, ele está, mesmo de forma implícita, lidando com a noção de gênero, pois um enunciado só produz sentido quando um gênero é acionado (Paiva, 2006). Seguindo a mesma idéia, Miller (1994) ressalta que apenas o gênero possui força pragmática como ação social, tais como: informa, ordena, avisa, compromete-se, etc.

No estudo recente de Devitt (2004), gênero é visto como uma dinâmica recíproca dentro da qual as ações dos indivíduos constroem e são construídas pelo contexto de situação, contexto de cultura e contexto de gênero. O contexto de situação é uma cena que cria certa urgência para atores falarem ou fazerem textos; o contexto de cultura seria o local social da situação e os participantes, porém o lugar nunca seria igual para todos os participantes e, finalmente, o contexto de gênero, que seria o uso da coleção de gêneros em qualquer situação. Logo, “raramente” uma pessoa realiza todos seus objetivos com um único gênero.

Os gêneros nos ajudam a navegar dentro dos complexos mundos da comunicação escrita e da atividade simbólica porque, ao reconhecer uma espécie de texto, reconhecemos muitas coisas sobre a situação social e institucional, as atividades propostas, os papéis disponíveis ao escritor e ao leitor, os motivos, as idéias, a ideologia e o conteúdo esperado do documento e o lugar onde isso tudo pode caber em nossa vida (Bazerman, 2005).

Segundo Xavier (2005), os gêneros textuais nascem para atender a essa diversidade de condições físicas, emocionais e econômicas que pressionam o usuário da língua a utilizá-la de uma certa forma e não mais de outra.

SMS - UM GÊNERO TEXTUAL EMERGENTE

Ainda por volta de 1980, surgiram os primeiros telefones celulares. Eles pesavam de 3 a 10 quilos, consumiam muita bateria e tinham baixa qualidade de voz e, além disso, o sinal era analógico. Em 1992, estes aparelhos começam a ser substituídos pelas redes digitais e em 1997, nasce a tecnologia GSM (*Global System for Mobile Communication*). Tecnologia necessária para o funcionamento do SMS (Pampanelli, 2004).

O objetivo primeiro de mensagem curta foi puramente comercial de empresa para empresa. E a primeira mensagem foi enviada no dia 03 de dezembro de 1992 por Neil Papworth do Grupo de Sema de um computador pessoal para Richard Jarvis da Vodafone, na rede Vodafone GSM da Inglaterra. Esse serviço, atualmente, tem sido um fenômeno em crescimento permitindo enviar breves mensagens a custo relativamente baixo; é pessoal; direto de pessoa para pessoa; assíncrono; limite de escrita de 160 caracteres, ou seja, 25 palavras com um teclado um pouco incômodo. Algumas comunidades discursivas, usuários do

² Nesta proposta, categoria de modo é tomada como um conjunto organizado de recursos para a produção de sentidos, incluindo imagens, olhares, gestos, movimentos, músicas, fala e efeitos sonoros Kress (2003).

³ “Nova Retórica” é um movimento que dá ênfase aos aspectos retóricos (ou pragmáticos) e tem procurado enfatizar a importância de uma re-definição do próprio conceito de “gênero”. Segundo Freedman (1999), os encaminhamentos e posicionamentos defendidos pelo grupo podem ser selecionados pelos professores para repensar seu contexto de sala de aula e inventar estratégias apropriadas para o ensino de língua escrita.

SMS, usam uma forma abreviada de linguagem que combina letras e números para formar o som das palavras, determinando assim, dentro dessas comunidades, normas deste gênero a qual está sendo uma alerta para o campo educacional.

Estas novas formas de escrita, nova forma de letramento digital, podem ser explicadas e orientadas pela escola, ou então crescerão e desenvolverão caoticamente. A mesma escola pensa que as impede, é pura ilusão (Teixeira, 2003). Concordando com Dionísio (2006), os conceitos de escrita e de leitura precisam ser revisados, bem como as práticas pedagógicas que lhes são decorrentes.

Sabemos que o espaço escolar é, na atualidade, excessivamente baseado na cultura oral e no texto impresso (Sancho: 1998), de modo que, incorporar ao seu cotidiano o surgimento de uma série de novos gêneros textuais geradores de sentido e mecanismos de produção dos textos no contexto da tecnologia eletrônica, tem sido um desafio para a educação no que se refere à formação do professor com o conhecimento lingüístico – pragmático, para trabalhar com esse grande suporte comunicativo.

Monteiro (2004) com seu trabalho “A invasão do celular no cotidiano das escolas” afirma que o professor ainda não sabe lidar com este instrumento, com esta mídia cada vez mais atraente aos olhares de crianças e jovens. Talvez, diz ela, seja por puro desconhecimento ou por aversão. “Mas é preciso descobrir de que forma esse novo gênero textual pode ser utilizado na escola como texto”.

SMS: TECNOLOGIA EDUCACIONAL

A escola deve aproveitar a competência comunicativa dos adolescentes que usam bem os gêneros emergentes disponíveis na tecnologia digital para transformá-los em bons produtores de tecnologia educacional. Cysneiros (2003) sugere que só pode ser tecnologia educacional quando for parte de um conjunto de ações (práxis) na escola, no lar ou em outro local com o objetivo de ensinar ou aprender, envolvendo uma relação com alguém que ensina ou com um aprendente. Uma coisa é ensinar o manejo com computadores a qualquer pessoa; outra, é ensinar a usar a ferramenta com contextos educacionais, por professor ou de aprender algo em ambientes escolares.

Ainda para Cysneiros (2003), a chegada da tecnologia à escola mexe com o espaço físico, com a formação de professores, com a economia escolar, com as relações sociais entre pais e escola, alunos e professores, entre os próprios alunos. São relações dialéticas, onde tecnologias influenciam pessoas e pessoas adaptam tecnologias à condições ambientais, sociais, às necessidades e limitações de cada situação.

Cada momento da situação de aprendizagem requer uma estratégia diferente, e o computador /celular pode ser útil em várias dessas ocasiões, bastando para isso que o professor planeje atividades, mais dirigidas, ou menos, conforme o momento dialógico (Coscarelli, 2005). Para os alunos utilizarem a língua escrita de forma dialógica e situada, os professores deveriam criar situações e estratégias em que os alunos inventassem novos gêneros para essas novas situações, ou seja, um trabalho voltado para subversão e criatividade do gênero Miller (1994).

Com esse propósito de valorizar a tecnologia educacional, ensinar a usar a ferramenta em contextos educacionais para professores, a autora descreve três exemplos de atividades que comungam com o interesse dos estudos sócio – retóricos que não é descrever elementos textuais, mas explicar como os gêneros respondem a diferentes exigências retóricas enfatizando o contexto e uso e fazendo com que os professores percebam como o funcionamento da língua é dinâmico e sempre manifesto em textos (Mascuschi, 2006).

SMS: ATIVIDADES PEDAGÓGICAS⁴

1. Atividade - Tipos de Textos

Em pares, peça a turma que faça a leitura dos três diferentes textos e depois faça uma discussão seguinte:

- a) O que cada texto diz? (a idéia principal de cada texto)
- b) Que tipo de textos são estes?

⁴ Uma adaptação aos estudos do departamento de Educação da Universidade de Tasmania – Austrália. <http://www.itag.education.tas.gov.au>

- c) Quais são as possíveis razões para diferentes textos?
d) Para que pessoas (audiência) esses textos foram escritos?

Do You Recognise The Text?

A

Hi lib - @WRK + I'm so (-.-)Zzz. Had a gr8 wkend. Dur? wot time we got home on sat nite? Hey howz u + wot u b up 2? I'm having such a #: -) and the boss is :-O OMG I betta go.

TMB

B

Hi scott

thanks for getting back to me so quickly with that info – I really needed it to finish off my project. haven't got much planned for the weekend so if you feel like catching a flick with me – give me a buzz

cheers

mel

C

Mr J Cox

14 Castle Lane

Huntingdale

New South Wales 2034

Dear Mr Cox

On the 12th February John Maddox from the plumbing company, "Pipes R Us" proceeded to carry out repair work to a leak in your downstairs bathroom. The job was detailed in a quote (reference number 6589021) and the total amount owing was \$365.50 (GST incl.)

Our terms are strictly 30 days and according to our records the amount of \$365.50 is still outstanding.

We would appreciate payment as soon as possible otherwise interest at the rate of 3% per day will be charged.

Yours sincerely

Senior Director Pipes R Us

Peter Sludge

Avaliação

Conscientizar os estudantes que:

1. Há diferentes tipos de textos com suas próprias convenções.
2. Cada texto tem um propósito diferente.
3. E não é adequado o uso de um tipo de texto em uma situação não convencional.

2. Atividade - Cenários

Coloque sete diferentes tipos de textos nas paredes da turma: carta formal, SMS, e-mail, convite; documento oficial, um diálogo em Chat e uma carta pessoal.

Criar cartões descrevendo cenas e distribuir aos alunos. Em pares, convide a turma para a leitura das cenas. Pergunte a eles que tipo de texto é mais apropriado para comunicação em diferentes cenário. (adicione mais cenário para a atividade).

Exemplo de cenas:

- a) Um policial deseja informar alguém uma intimação para depor;

- b) A mãe fala com filha que volte da casa dos amigos mais cedo;
- c) O médico fala uma péssima notícia ao paciente;
- d) Uma pessoa no cinema diz a outra amiga onde encontrá-lo;
- e) Alguém agradece a tia por ter dado dinheiro como presente de aniversário;

Os estudantes colocam os cartões nos pôsteres apropriados.

Avaliação

Ajudar os alunos a refletir sobre:

1. Pensar sobre o propósito e audiência quando escolhemos e criamos um texto;
2. Demonstrar que alguma situação pode utilizar uma variedade de tipos de textos;
3. Usar a intertextualidade para fazer decisões.

Peça aos estudantes para escrever com reflexão sobre as seguintes perguntas:

- a) Porque eles acham que temos diferentes tipos de textos?
- b) Quantos tipos de textos eles usam normalmente? E em que situação?
- c) Que tipo de texto eles acham melhor? E porquê?

Durante a discussão:

- a) Determine um tempo limite;
- b) Estabeleça uma regra clara de todas as idéias que são aceitas sem críticas;
- c) Forneça aos estudantes feedback sobre pontos de vista.

Obs: Entender que modelos de comunicação requerem diferentes tipos de textos ou diferentes gêneros textuais requerem diferentes textos. Sem esquecer que são as situações retóricas que ajudam o aluno a pensar nos propósitos comunicativos, na audiência, na circunstância e no gênero.

3. Atividade - SMS Olimpíadas

Organize a turma em grupo de três. Peça para trazerem seus celulares para classe. Não é necessário que todos os estudantes tragam o telefone, pelo menos um em cada grupo.

Desafio um

Convide os estudantes para digitar um enunciado (mensagem) com determina da força ilocucional em determinado tempo. Use até o limite dos 160 caracteres permitido.

Desfio dois

Convide os estudantes a transferir para o papel uma mensagem (dada pelo professor) em padrões do SMS, na maneira mais expressiva, usando o menor número de caracteres, em contextos diferentes e força ilocucionária diferentes.

Desafio três

Entregar uma mensagem em língua SMS para os estudantes transformar em linguagem formal com suas regras de pontuação.

Obs: Como o celular é proibido em muitas salas de aula, é importante enviar uma carta ao diretor explicando as regras do jogo educacional e os objetivos da atividade.

Avaliação

1. Transformar a língua formal para o texto SMS e vice versa.
2. Ênfase da força ilocucionária das mensagens.
3. Cooperação em grupo.
4. Técnica de resumo.

5. Uma breve revisão sobre normas do gênero.

Importante: estabeleça regras claras para todas as atividades.

Obs: Nessa atividade você pode explicar aos alunos os diferentes tipos de escrita usada na comunidade discursiva desse gênero. Pois os gêneros estão situados no interior das comunidades discursivas⁵ e por elas são manipulados de acordo com os propósitos sócio – retóricos a que se prestam. Os indivíduos que integram as comunidades discursivas dominam e utilizam, por exemplo, convenções peculiares de gênero que são desconhecidos aos estranhos.

Veremos em seguida uma tipologia da língua inglesa de processos criativos usados por alguma comunidade discursiva fã da escrita digital.

TIPOLOGIA DE PROCESSOS CRIATIVOS ADAPTADOS DOS ESTUDOS DE PAILLARD (2000)

1. Acrônimos e Iniciais

Iniciais: Abreviaturas das iniciais das palavras que são pronunciadas separadamente como:

(1) SMS - Short Message Service

Acrônimos: Uma seqüência de letras é lida como uma palavra: (2) AIDS.

Obs. Na web ou celular essas novas palavras tornam-se léxico muito rápido que a comunicação oral tradicional.

Algumas palavras tais como (3) CD-ROM (Compact Disc-Read Only Memory) é uma mistura de iniciais e acrônimos.

1.1. **tipologia curta:** não pode ser lida nem como iniciais e nem como acrônimos. É uma parte vocálica da palavra que é omitida: (4) Ltd

1.2. **acrônimo silábico:** são feita com sílabas iniciais das palavras como: (5) Interpol- **I**nternational **P**olice

1.3. **palavra cortada:** ou a parte da frente ou a parte de trás da palavra é afetada, como (6) exam para examination.

1.4. **mistura de palavra:** é uma mistura de duas palavras, uma é cortada ou ambas, como in (7) smog para smoke+fog.

Os acrônimos, que encontramos as suas origens na Internet, são chamados *netcronyms* e a origem no celular são *mobcronyms*. O uso desses acrônimos pode ser motivados pelo desejo de ser criativo, alegre e engraçado. Eles são, às vezes, lidos como um tradicional acrônimo e como as iniciais.

(8) LOL = Laughing Out Loud

(9) BTW = by the way

2. Enigma figurado como uma imitação fonética

Enigma figurado é a maneira de transmitir uma qualidade fônica de uma palavra através de outro meio, ou gravuras ou letras. Para Cristal (2001), citado em Mompean (2003), ele define enigma figurado como alguma coisa que “os valores dos sons das letras ou números representam como uma sílaba ou uma palavra”. Nesse caso das letras, elas não são usadas para a palavra, elas representam algo (como um acrônimo), mas para a qualidade fônica delas. As palavras são substituídas por um som similar.

(10) UR = your

(11) B4 = before

(12) 2L8 = too late

(13) CUL8R = see you late

⁵ Outro termo encontrado na literatura é ‘comunidade retórica’ Miller (1994).

- (14) gr8 = great
- (15) DXNRE = dictionary
- (16) CQ = seek you

No exemplo (13), algumas letras são lidas como elas são pronunciadas no alfabeto (<C>,<U>), algumas são lidas como parte de uma palavra (<L>). As letras não são sempre exatamente equivalentes, foneticamente falando.

É relevante lembrar que algum conhecimento explícito são exigido para que possa ler tais enigmas. Na realidade o uso de letras maiúsculas não é estritamente regulada e ambas as formas podem ser encontradas como: ‘cul8r’ e ‘CUL8R’.

A fronteira da palavra ou da sílaba é transgredida em CQ que significa (seek you). É também interessante notar que *TO*, *TWO* e *TOO* são homófonos e são transcritos com a ajuda de número <2>. Os números *four* <4> e *eight* <8> *que, também*, são homófonos seguem a mesma regra.

3. Supressão da vogal

Essa técnica significa escrever rápido. E nessa rapidez as palavras em letras minúsculas diminuem. A letra maiúscula pode se usada para expressar o valor silábico do som vocálico, como em thN (then) ou nEd (need).

- (17) msg = message
- (18) pls = please
- (19) thx = thanks
- (20) c%l = cool
- (21) zzz = sleeping, bored, tired

No exemplo (20) o uso de % significa engraçado e é um significado visual mais que oral, como a maioria dos casos. Como o (21), o som evoca o significado, mas não a palavra a qual é uma suposta representação.

Algumas palavras misturam as diferentes técnicas mencionadas antes, e também usam números misturados com letras:

- (22) 10S = tennis
- (23) TM8O = tomato
- (24) 4ST = forest

4. Conversação informal e descuidada

O resultado deste aspecto “descontraído”, as mensagens são enviadas sem nenhuma releitura e não há uma observação mais rígida ao escrever (Yongyan, 2000 apud Mompean, 2003). O objetivo da comunicação mediado por computador (CMC) é a economia, a rapidez de trocas de mensagens, fazendo que multiplique o processo da simplificação:

4.1. simplificação:

- (25) z = said
- (26) cos = because
- (27) n = and

5. Pontuação expressiva e prosódia

A pontuação é uma ferramenta que é adicionada à escrita e também exibe como o escritor ver o equilíbrio da linguagem, fala e escrita (Baron, 200:167). Em um e-mail ou SMS, a pontuação está fazendo a cadência de discurso informal ou ajudando a perceber o significado da mensagem rapidamente (Baron, 200:189).

Originalmente, a pontuação foi usada para fazer unidades gramaticais de significado ou unidades de ritmo e respiração. Vale a pena refletir sobre uma observação de Danielewicz e Chafe (1985:214), colhida em Momoean (2003) onde eles vêem a pontuação como uma origem valiosa de informações de como o falar influencia a escrita:

(28) Yes!!

(29) No?!?

6. Emoticons

Emoticons são ícones não verbais; a palavra se origina de uma mistura de “emotive + icons”. Elas são, às vezes, chamadas *smiles*, como uma representação básica de um sorriso na face. Elas foram usadas pela primeira vez por Scott Fahlman em setembro de 1982, com objetivo de transmitir emoções não verbais, que estava ausente nas mensagens oral-escrita mediada por computador. Atualmente, esses ícones estão em constante mudanças. Yongyan (2000) descreve a segunda geração deles (usada principalmente no Japão), que são verticais e fáceis de ler e é bem equivalente de nosso velho conhecido :-) = (^_^).

(30) :-) show humor, sarcasm mostra humor

(31) :- (expresses sadness or anger expressa tristeza ou raiva

(32) >:-< annoyed aborrecido

(33) 8-o shocked susto

(34) 8-O astonished surpresa

Algumas combinações não estão aqui para expressar sentimentos mas usadas para funções simbólicas:

(35) (()): ** hugs and kisses abraços e beijos

(36) ((())) lost of hugging muitos abraços

(37) ^ ^ ^ giggles risos falsos

A última categoria pode ser referência, de uma de mais series, o qual representa famosas características como:

(38) *<:-) Santa Claus Papai Noel

Os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para essa nova realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los em suas salas de aula. O ideal é que o professor aprenda a lidar com as tecnologias digitais durante sua formação regular, em disciplinas mais ou menos com os nomes de “Tecnologias Educacionais” e de modo mais detalhado nas didáticas de conteúdos específicos.

Ensinar fazer mensagem de texto é pura perda de tempo. O professor pode abordar as diferenças lingüísticas, as habilidades de tradução de uma língua para outra língua, o processo de mudanças de língua e mostrar as diferenças da escrita formal, literária, técnica, jargão profissional, linguagem popular e o tipo de língua usada em sala de bate papo na Internet. Compreendendo a estrutura subjacente de como as línguas trabalham.

Alertamos, também, que este fenômeno lingüístico não está restrito ao inglês, ou seja, as aulas de inglês. Pode ser interessante fazer uma análise comparativa com outra língua e ver se os mesmos mecanismos são aplicados ou se há diferentes acordos do sistema fonológico para cada língua. Sendo importante fazer essas atividades nas aulas de língua materna (português), pois já observamos que os adolescentes escrevem nesse suporte textual (celular) a mistura de inglês e português.

PARA ENCERRAR

Não temos dados científicos da interferência das novas linguagens moradoras do meio eletrônico, mas o que nos parece certo é que, assim como não podemos represar com os dedos esse rio que é a língua em constante processo de mudança, não há como conter essa realidade que vem explodindo nas telas dos

celulares de nossos alunos. Xavier (2005) ressalta que impedir os adolescentes de usarem os gêneros digitais sob o pretexto de que prejudicam a aprendizagem da escrita “correta” é ignorar o fenômeno da variação linguística.

Ruiz (2003) admite que o papel daqueles que conduzem o ensino não é impedir problemas ou retardar o ritmo das mudanças. Em vez disso, deve-se focalizar e acelerar suas habilidades e competências para reconhecer e resolver problemas. Hoje mais do que ontem, valoriza-se não só o que se diz, mas principalmente o direito de dizê-lo, ainda que para tal se utilizem formas de escritas não convencionais.

No entanto, para que esses recursos tecnológicos realmente venham a representar uma mudança na vida escolar, é preciso que a educação seja compreendida como um processo de construção de um saber percebido como útil e aplicável pelos alunos e não como uma realidade a parte, desinteressante e inacessível, argumento dado por Coscarelli (2005).

O professor de línguas e os educadores em geral precisam atentar para três fatos importantes:

1. A escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário (Leite, 2001).
2. Não se escreve da mesma forma em todos os gêneros e suportes de escrita;
3. Os aparatos tecnológicos exigem a prática da leitura e estimulam a escrita por promover a liberdade de expressão entre os usuários (Xavier, 2005).

O SMS autoriza a mistura de registro e absorve traços da oralidade na escrita representando a fala em seus aspectos prosódicos. O fato importante de todos esse fenômeno linguísticos é que os usuários brincam conscientemente com a língua sendo um bom sinal. Significa que esta língua está viva e produtiva e o preço qualitativo de tais produções é extremamente interessante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAZERMAN, Charles. 2005. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez.

COE, Richard. 1994. Teaching genre as process. In: Freedman & Medway (Orgs.) **Learning and teaching genre**. Portsmouth, NH: Boyton/ Cook Publishers.

COLELLO, S.M.G. 2003. **Alfabetização e letramento**: repensando o ensino da língua escrita. Disponível em: < <http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htm>> Acesso em 20 de setembro de 2006.

CYSNEIROS, P.G. 2003. **Novas tecnologias no cotidiano da escola**. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/23/textos/mc>> Acesso em 23 de setembro de 2006.

COSCARELLI, C. V. 2005. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autentica.

CRISTÓVÃO, Vera.; NASCIMENTO, Elvira. 2006. Gêneros Textuais e ensino: contribuição do interacionismo sócio-discursivo. In: KARWOSDKI, Acir. M. et al. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena Editora.

DEVITT, Amy J. 2004. **Writing genres**. Carbondale: Southern Illinois UP.

DIONISIO, Angela. P. 2006. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSDKI, Acir. M. et al. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena Editora.

FREEDMAN, Aviva. 1994. *Do as I say: the relationship between teaching and learning new genres* In: Freedman & Medway (Orgs.) **Genre and the New Rhetoric**. London, Taylor & Francis Publishers.

LEITE, S. A. S. (org.). 2001. **Alfabetização e letramento** – contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas, Komedi/Arte Escrita.

- MARCUSCHI, Antonio. 2006. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSDKI, Acir. M. at all.(Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucena Editora.
- MILLER, Carolyn. 1994. Rhetorical Community: the cultural basis of genre. In: Freedman & Medway (Orgs.) **Genre and the New Rhetoric**. London, Taylor & Francis Publishers.
- MONTEIRO, S.C.F. 2003. **A invasão do celular no cotidiano das escolas**. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?> Acesso em 20 de setembro de 2006.
- MOMPEAN, Annick Rivens. 2003. Electronic English, oral or written English?. POSTEGUILLO, S. at all.(eds.). **Internet in linguistics, translation and literary studies**. Espanha; Castelló de la Plan: Publicacions de la Universitat Jaume I.
- PAILLARD, M. 2002. **Lexicologie contrastive anglais-fraçais**. Formation des mots et construction du sens, Paris. Ophrys.
- PAIVA, V. M. 2006. **Linguagem, gênero e aprendizagem de língua inglesa**. Disponível em <<http://www.veramenezes.com/ligeap.htm> > Acesso em 20 de outubro de 2006.
- PAMPANELLI, G.A. **A evolução do telefone e uma nova forma de sociabilidade: O flash mod**. 2004. Disponível em: <<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/gazevedo.html#au>> Acesso em 10 de junho de 2006.
- SANCHO, J. M (org.). 1998. **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre, Artes Médicas.
- RUIZ, E,S,D. 2005. Kd o português dk gnt?:-D o blog, a gramática e o professor? **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**. Belo Horizonte, v.5. n.1, p.23- 45, jun.
- TEIXEIRA, José. 2003. **O q é q é + importt ni MSG?:** mensagens SMS e novos usos da escrita. Diacritica Serie Ciências da Linguagem, n.17/1. Universidade do Minho, Braga. Portugal. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4522> > Acesso em 25 de maio de 2006.
- XAVIER, A. C. 2005. **Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da Internet**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/artigos.htm>> Acesso em 23 de setembro de 2006.